

Planos são só 'listas de desejos', diz Delfim

JOSÉ ANTÔNIO RODRIGUES

A cinco meses das eleições presidenciais, os candidatos à frente nas pesquisas nessa primeira fase da campanha apresentam discursos muito parecidos, defendendo mudanças para corrigir os pontos vulneráveis do real que, na opinião do deputado Delfim Neto, serão difíceis de serem realizadas. "Todos querem crescimento, exportar mais, baixar os juros. Serra é o que promete maiores mudanças na política econômica. Mas tanto Serra quanto os outros não explicam como pretendem cumprir suas promessas. Não são programas, são listas de desejos", disse ele.

Delfim prevê dificuldades para a futura base parlamentar do governo. "Como vão fazer, por exemplo, a reforma tributá-

ria? As eleições vão aumentar o grau de diversidade no Congresso", afirma. "No governo FHC tinha-se o PSDB, o PMDB, o PFL e o PPB, que somavam 3/5 do Congresso. Agora será mais difícil. Duvido que se possa fazer isso com seis ou sete partidos. Alguns vão perder músculos, o PT vai crescer e a diversidade vai aumentar. Serão gatos, raposas, leões e ursos, cada partido de um jeito, vai-se formar um circo muito mais complicado."

Confuso – Segundo ele, não se pode, nesse caso, condenar as agências internacionais. "O investidor estrangeiro é muito objetivo. Não se pode brigar porque um banco (*Morgan Stanley*) ou uma corretora (*Merrill Lynch*) disserem aos seus clientes para esperar para comprar

papel brasileiro", ponderou.

Está ficando cada vez mais evidente, acrescenta, que um projeto brilhante como o do Plano Real "está terminando de forma trágica". Ao fim de oito oitos anos, diz ele, o programa de estabilização "está deixando uma herança monstruosa para a dívida interna e para o patrimônio externo líquido, para não citar essa expressão que está na moda – vulnerabilidade externa".

O deputado diz que o Real é um dos planos mais custosos comparado a outros – como os do Chile e do México, por exemplo. "O Brasil vendeu todo o seu patrimônio e o governo foi gastador no início. Resultado: em 2002 vai crescer menos que o Chile e o México e vai ter inflação ligeiramente acima da inflação desses dois países."